Sarney vai à berlinda

O presidente do PMDB e candidato à presidência do Senado, Jader Barbalho, assegura que nunca ouviu de José Sarney o desejo de disputar o posto, mas pondera que se o ex-presidente “quiser sê-lo, pode fazê-lo” na reunião da bancada pemedebista na próxima semana.

Já o líder do partido na Câmara, Geddel Vieira Lima, é um tanto mais contundente ao afirmar na essência o mesmo que Jader: “Se o Sarney quiser, ele disputa, só não pode é desrespeitar a decisão da bancada, a menos que esteja disposto a rasgar as vestes num confronto com o Jader.”

Como se vê, a decisão tomada ontem pelos pemedebistas, de oficializar a candidatura de Jader não apenas com uma posição de bancada, mas com a convocação da executiva do partido para ratificá-la logo a seguir, cumpre também a função de levar José Sarney a definir claramente qual é o nome do jogo que está jogando.

Se partidário, tem dois caminhos: disputa na bancada e aceita a decisão se perder, ou não disputa como, aliás, diz ter ouvido Jader Barbalho no encontro que os dois tiveram, não na casa de Jader, como foi publicado aqui ontem, mas na de Sarney, no início do ano.

Caso resolva tentar uma candidatura suprapartidária, aí Sarney terá de arcar com o ônus de uma briga feia. “Ele que não imagine que será pacífica a reação do partido se resolver se prestar ao papel de testa de ferro de Antonio Carlos Magalhães. Vai ter de assumir o papel de divisionista dentro do PMDB”, avisa Geddel.

Jader Barbalho também reafirma pela quintilionésima vez que “o PMDB não aceitará soluções de fora” e que não acredita que “um homem da responsabilidade do Sarney não entenda que o que está na mesa é uma questão interpartidária”.

Embora considere normal que Sarney se apresente à disputa na bancada – “ele mesmo já disputou essa indicação com Iris Rezende e Pedro Simon” – Jader acha que Sarney teria dificuldade no partido por ter sido patrocinado por ACM.

Oficialmente, a cúpula do PMDB não trata a eventualidade de José Sarney vir a se lançar candidato como uma possibilidade real. Nas conversas de avaliação política entre os dirigentes, porém, todos consideram que Sarney faz um jogo dúbio.

Nessas análises, o que se diz é que se ele realmente não quer nem espera uma chance de conquistar o cargo, já deveria ter dito isso em alto e bom som. Se não diz, é porque nutre esperanças. É claro que se do lado de fora os movimentos de Sarney são detectáveis a olho nu, da perspectiva dos que estão perto – o que inclui sobretudo seus companheiros de partido –, os sinais são ainda mais visíveis.

E, enquanto o ex-presidente não fizer o que inexplicavelmente ainda não fez – a negativa do desejo de presidir o Senado – não poderá esperar que não se desconfie de suas verdadeiras intenções.